

Soraya Araujo Uchoa Cavalcanti  
(Organizadora)

# DIVERSIDADE E INCLUSÃO:

Abordagens e experiências

Atena  
Editora  
Ano 2022

Soraya Araujo Uchoa Cavalcanti  
(Organizadora)

# DIVERSIDADE E INCLUSÃO:

Abordagens e experiências

 **Atena**  
Editora  
Ano 2022

**Editora chefe**

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Editora executiva**

Natalia Oliveira

**Assistente editorial**

Flávia Roberta Barão

**Bibliotecária**

Janaina Ramos

**Projeto gráfico**

Bruno Oliveira

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

**Imagens da capa**

iStock

**Edição de arte**

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

**Conselho Editorial****Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Dr. Alexandre de Freitas Carneiro – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Ana Maria Aguiar Frias – Universidade de Évora

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa



Prof. Dr. Antonio Carlos da Silva – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros  
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Jadilson Marinho da Silva – Secretaria de Educação de Pernambuco  
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal do Paraná  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Lucicleia Barreto Queiroz – Universidade Federal do Acre  
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros  
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Universidade do Estado de Minas Gerais  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Marianne Sousa Barbosa – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso  
Prof. Dr. Pedro Henrique Máximo Pereira – Universidade Estadual de Goiás  
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins



## Diversidade e inclusão: abordagens e experiências

**Diagramação:** Camila Alves de Cremo  
**Correção:** Mariane Aparecida Freitas  
**Indexação:** Amanda Kelly da Costa Veiga  
**Revisão:** Os autores  
**Organizadora:** Soraya Araujo Uchoa Cavalcanti

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

D618 Diversidade e inclusão: abordagens e experiências / Organizadora Soraya Araujo Uchoa Cavalcanti. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-258-0297-8

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.978221507>

1. Diversidade cultural. 2. Inclusão social. I. Cavalcanti, Soraya Araujo Uchoa (Organizadora). II. Título.

CDD 306.4

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

**Atena Editora**  
Ponta Grossa – Paraná – Brasil  
Telefone: +55 (42) 3323-5493  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
contato@atenaeditora.com.br



**Atena**  
Editora  
Ano 2022

## DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



## DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



## APRESENTAÇÃO

A coletânea *Diversidade e Inclusão: Abordagens e Experiências* é composta por 09 (nove) capítulos produtos de pesquisa, ensaio teórico, relato de experiências, estudo de caso, dentre outros.

O primeiro capítulo, discute a produção acadêmica acerca do feminismo, discursos feministas e ações coletivas entre jovens mulheres e adolescentes periféricas. O segundo capítulo, por sua vez, discute identidade, gênero e identidades de gênero na contemporaneidade.

O terceiro capítulo, discute a criminalização da homofobia, o equiparando a Lei do Racismo e o Ativismo Judicial neste contexto. O quarto capítulo discute estratégias pedagógicas com potencial de inclusão social em estudantes universitários com base na inteligência emocional.

O quinto capítulo, apresenta os resultados da pesquisa com acadêmicos com deficiência, síndromes e outras especificidades. O sexto capítulo, discute o processo de ensino e aprendizagem na matemática e a inclusão dos estudantes com deficiência de baixa visão.

O sétimo capítulo, discute a constituição da escola inclusiva e a importância das adaptações curriculares para a inclusão de alunos neste contexto. O oitavo capítulo discute a díade Educação Matemática e inclusão escolar.

O nono capítulo apresenta um estudo de caso acerca das atitudes sociais de uma turma do 4.º ano de escolaridade no contexto da inclusão de um colega com Perturbação do Espectro do Autismo.

Soraya Araujo Uchoa Cavalcanti



## SUMÁRIO

### **CAPÍTULO 1..... 1**

FEMINISMO E JUVENTUDE PERIFÉRICA: CONSIDERAÇÕES PARA O DEBATE

Fernanda Menezes Santos


Marcia Francisca de Oliveira Silva

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9782215071>

### **CAPÍTULO 2..... 12**

IDENTIDADES E GÊNEROS EM MOVIMENTO

Rubens da Silva Ferreira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9782215072>


### **CAPÍTULO 3..... 23**

CRIMINALIZAÇÃO DA HOMOFOBIA: A OMISSÃO DO CONGRESSO FRENTE AO ATIVISMO JUDICIAL DO SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL – STF

Claudia Vilhena Barbosa

Laura Milca Silva Siqueira

Sayory Karolina de Souza Barros

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9782215073>


### **CAPÍTULO 4..... 35**

INTELIGÊNCIA EMOCIONAL COMO ESTRATÉGIA PEDAGÓGICA PARA FORTALECER A INCLUSÃO SOCIAL EM ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS

Mónica Rocío Barón Montaña

Jenny Patricia Ortiz Quevedo

Jairo Jamith Palacios Rozo

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9782215074>


### **CAPÍTULO 5..... 46**

EDUCAÇÃO EM TEMPOS DE PANDEMIA: INCLUSÃO DE ALUNOS COM DEFICIÊNCIA NO CAMPUS DA UNEMAT DE SINOP

Elisangela Dias Brugnera

Ademilde Aparecida Gabriel Kato

Maria Angélica Dornelles Dias

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9782215075>

### **CAPÍTULO 6..... 59**


ASPECTOS E OS CONCEITOS DE ADAPTAÇÃO NA INCLUSÃO DO ESTUDANTE COM DEFICIÊNCIA VISUAL NO ENSINO E APRENDIZAGEM DE MATEMÁTICA




Clarissa Raimundo de Ataíde

Michelle Alencar Ferreira Gonçalves

Ritianne de Fátima Silva de Oliveira

Walber Christiano Lima da Costa

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9782215076>

<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>70</b>
INCLUIR E ADAPTAR NA ESCOLA Caroline Borges Zanato  <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.9782215077">https://doi.org/10.22533/at.ed.9782215077</a>	
<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>82</b>
EDUCAÇÃO MATEMÁTICA E INCLUSÃO: EDUCAÇÃO PARA TODOS E TODAS Karla Vanessa Gomes dos Santos Ellen Michelle Barbosa de Moura Joeanne Neves Fraz Geraldo Eustáquio Moreira  <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.9782215078">https://doi.org/10.22533/at.ed.9782215078</a>	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>102</b>
ATITUDES SOCIAIS EM RELAÇÃO À INCLUSÃO: PERCEÇÕES DE ALUNOS DO 4.º ANO — ESTUDO DE CASO Maria Celeste Sousa Lopes Delmina Cardoso de Oliveira  <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.9782215079">https://doi.org/10.22533/at.ed.9782215079</a>	
<b>SOBRE A ORGANIZADORA</b> .....	<b>114</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO</b> .....	<b>115</b>

# CAPÍTULO 2

## IDENTIDADES E GÊNEROS EM MOVIMENTO

Data de aceite: 04/07/2022

Data de submissão: 10/05/2022

**Rubens da Silva Ferreira**

Universidade Federal do Pará, Faculdade de  
Biblioteconomia  
Belém, Pará  
<http://lattes.cnpq.br/1179934046983248>

**RESUMO:** O trabalho tem como objetivo refletir sobre identidade, gênero e identidade de gênero. Esse exercício é construído em uma perspectiva dinâmica pensando esses conceitos em movimento. Assim, abandona-se a ideia estática de identidade e de gênero por meio da revisão de pesquisa anterior incorporando aprendizados em pesquisa mais recente. A base teórica da reflexão proposta é fornecida por autores como Édouard Glissant, Manuel Castells, Michael Hardt e Antonio Negri. Esses autores levam ao entendimento de que as experiências de identidade e de gênero estão inscritas no campo do “sendo”, de acordo com as circunstâncias da vida e as necessidades de expressão das pessoas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Identidade. Gênero. Estudos LBTQIA+.

### IDENTITIES AND GENDERS IN MOVEMENT

**ABSTRACT:** The work aims to reflect on identity, gender and gender identity. This exercise is

built on a dynamic perspective by thinking these concepts in motion. Thus, the static idea of identity and gender is abandoned by reviewing previous research incorporating lessons learned from more recent research. The theoretical basis of the proposed reflection is provided by authors such as Édouard Glissant, Manuel Castells, Michael Hardt and Antonio Negri. These authors lead to the understanding that the experiences of identity and gender are inscribed in the field of “being”, according to the circumstances of life and people’s needs for self-expression.

**KEYWORDS:** Identity. Gender. LGBTQIA+ studies.

### 1 | INTRODUÇÃO

Em quase meio século temos assistido ao *boom* dos gêneros no Brasil e no mundo. Se há pouco mais de vinte anos a sociedade maior só ouvia falar no masculino e no feminino, atualmente conhecemos outras identidades de gênero que estão para além dessas polaridades, tradicionalmente impostas como únicas alternativas possíveis, isto é, em torno das quais as pessoas “deveriam” ajustar-se, fosse espontaneamente ou por pressão familiar e social. Em que pese tantas possibilidades de identificação derivadas da autoexpressão do *eu*, do amor e do desejo humano, vida e morte, ganhos e perdas, avanços e retrocessos, poder e contrapoder estão presentes na história de vida de quem busca construir outras formas de

ser e de existir na sociedade contemporânea. Isso significa dizer que a liberdade de gênero segue sendo construída em um campo de lutas, em um movimento que tem como ponto de partida e de chegada o direito de ser humano, e, como humano, de ter direitos.

Apresentadas as breves palavras acima, a proposta deste trabalho consiste em refletir sobre as identidades de gênero na perspectiva do *movimento*, ou seja, superando uma ontologia do **ser** (naturalizada e imobilizante) por uma ontologia do **sendo** (construída e móvel). A questão colocada para pensarmos é a seguinte: as identidades e os gêneros podem ser pensados na perspectiva do movimento?

Do ponto de vista metodológico, articularei o conceito de *identidade* e de *gênero* produzindo um exercício de pensamento inspirado na obra *Introdução a uma poética da diversidade*, da autoria do filósofo e poeta martinicano Édouard Glissant (2005). A base empírica da reflexão é fornecida por exemplos etnográficos encontrados na condução do trabalho de campo realizado em Belém (PA), entre abril de 2002 e fevereiro de 2003, revisitando experiências da fase de produção da dissertação apresentada ao Núcleo de Altos Estudos Amazônicos da Universidade Federal do Pará (NAEA/UFPA).

No plano teórico, autores como Manuel Castells (2010) e Michael Hardt e Antonio Negri (2016) serão utilizados na construção de um diálogo com Glissant, à medida que compartilham o entendimento da identidade no sentido plural e em uma perspectiva dinâmica. Todavia, será visto que os dois últimos autores avançam para além das identidades, abrindo caminho para pensarmos também os gêneros em seu potencial de proliferação e de libertação para que as pessoas sejam o que querem ser.

Vejamos.

## 2 | DA ESSÊNCIA À DINÂMICA: REVISITANDO UMA EXPERIÊNCIA AUTORAL

Quando comecei a pesquisar sobre pessoas travestis no ano de 2001, por ocasião do meu curso de mestrado, consultar estudos que discutiam a identidade *trans* se tornou uma tarefa basilar, sobretudo para a minha aproximação de uma realidade que até então pouco conhecia. Naquele momento tive acesso a uma literatura que abordava a identidade em uma perspectiva clássica, ou seja, como um processo de identificação centrado em torno de uma *essência pessoal*, a qual só podia ser plenamente manifestada na chegada à idade adulta, tal como eu pressupunha para a experiência de pessoas travestis.

Naquela época, com base nas entrevistas recolhidas entendi que o corpo era parte fundamental da expressão de uma *essência* travesti, motivo de todo o investimento realizado para representá-la da melhor maneira possível, fosse pelo uso de medicamentos, por intervenções cirúrgicas e mesmo pelo uso de substâncias que ofereciam risco à saúde, em geral manipuladas por pessoas leigas em procedimentos estéticos invasivos. Todo esse processo de metamorfose do masculino em feminino corresponde a uma estratégia de afirmação plástica da identidade travesti, conforme evidenciaram as minhas colaboradoras

nas entrevistas. Essa metamorfose culmina em um final muito desejado por elas (seios, quadris, nádegas), mas atravessado por toda uma biografia marcada por diferentes formas de violência e por uma carga de preconceito já acumulada desde a infância por algumas das pessoas entrevistadas.

Em campo, todavia, encontrei situações peculiares que fugiam às orientações teóricas sobre identidade que orientavam minha pesquisa. Refiro-me a três casos dos quais me ocupo a seguir.

## 2.1 Artemis

Em Belém dos anos de 1990 recorro de parte da história da jovem Artemis, batizada com o nome bigênero da deusa grega da caça e jamais precisou alterá-lo.

Recordo de Artemis em sua fase masculina, quando a vi pela primeira vez como um belo e jovem rapaz branco, gay, afeminado, bastante conhecido no bairro de Canudos e que participava ativamente dos festejos juninos como dançarino em uma quadrilha do bairro.

Anos mais tarde, reencontrei Artemis como uma bela figura feminina, emoldurada por longos cabelos lisos e pretos. O corpo estava marcado por seios e nádegas proeminentes acentuados pela fina cintura. Lembro exatamente das palavras de um vizinho sobre Artemis: com essa aí eu andava de mãos dadas na rua. Embora machista, o comentário reconhecia a *passabilidade* da bela travesti. O sexo só era denunciado pela voz grave.

Dizia Artemis que o corpo tinha sido *feito* em São Paulo (SP), lugar para o qual migrou com essa finalidade e lá obteve os recursos de que precisava trabalhando como profissional do sexo. Para ela, Belém se tornou um lugar de férias e de reencontro com a família.

Da última vez que vi Artemis quase não a reconheci. Os longos cabelos pretos agora estavam curtos. Artemis vestia uma camisa xadrez de manga longa e calça de tergal. Tudo era bastante masculino, discreto e largo, a fim de encobrir a feminilidade exitosamente alcançada. Havia uma tentativa inútil de encobrir as curvas do corpo sob as vestes masculinas enormes, o que possivelmente acabou despertando a curiosidade maldosa das crianças que a perseguiam proferindo ofensas.

Artemis reapareceu em Belém como *ele*, reconvertida à antiga identidade masculina e frequentando cultos na Igreja Quadrangular com a família. Tempos depois decidi procurá-lo para uma entrevista, mas soube que ele havia viajado a Itália, dessa vez com o corpo reconvertido ao feminino. Quase próximo à finalização do meu trabalho fui informado de que ao se prostituir nas vias públicas romanas Artemis foi vítima de uma barbárie: um cliente que se recusou a pagar pelo programa decidiu atropelá-la, e, em seguida, passou com o carro sobre o corpo machucado por duas vezes (FERREIRA, 2003). Entre idas e vindas, Artemis retornou ao Brasil sem vida, representando um dado em uma estatística silenciada na imprensa: “importamos” belíssimos corpos travestis que depois são remetidos ao país

como cadáveres para serem sepultados pelas famílias. Artemis não foi a primeira nem será a última vítima nesse ciclo de violência que se repete todos os anos, inclusive no Brasil.

## 2.2 Uma ex-travesti

No dia 20 janeiro de 2002, quando morava em Salvador, frequentei uma das reuniões do Grupo Gay da Bahia (GGB)<sup>1</sup>. Entre as pessoas participantes, uma delas chamou a minha atenção: um belo rapaz atlético negro que se apresentou como *ex-travesti*. Diferente de Artemis, na reconversão do corpo feminino em masculino o rapaz decidiu retirar as próteses de silicone. Prova disso eram as cicatrizes que me permitiu ver no peitoral. Marcas físicas que jamais apagarão a experiência vivida em sua leitura e ressignificação do universo feminino.

## 2.3 Uma drag queen na pista

Em 2002, durante as minhas incursões ao campo no bairro do Reduto (Belém) conheci a jovem Sashenka, uma drag queen que se prostituía em uma das transversais da Avenida Assis de Vasconcelos. O nome de origem russa identificava uma pessoa com menos de 20 anos de idade, branca, franzina, com pouco mais de 1,65 cm de altura.

Diferente das travestis corporalmente femininas que trabalhavam nas imediações em trajes menores, Sashenka usava maquiagem forte, longa peruca sintética platinada de fios lisos, calça boca de sino e top na cor rosa. O corpo em si não anunciava qualquer modificação por hormônio ou por silicone industrial. A falta de contornos femininos provavelmente sugeria aos clientes a imagem da “ninfeta”, isto é, da mulher em formação revestida de uma inocente sensualidade. Naquele território prostitucional Sashenka parecia ter na juventude um diferencial.

Entre os contatos que estabeleci Sashenka foi a pessoa mais jovens que encontrei na prostituição. Tinha um modo de falar bastante articulado e estava bastante animada naquela noite. O jogo na “pista” parecia ser não apenas uma forma de adquirir renda, mas também uma espécie de diversão (*sic*). Perguntava a mim mesmo se Sashenka – com sua empolgação juvenil – estava pronta para enfrentar os perigos da *pista* com os quais muitas travestis precisam lidar ao longo da madrugada como agressões físicas, ameaças e extorsões.

Diferente das travestis, Sashenka podia realizar diariamente o movimento entre o feminino e o masculino, alternando suas identidades de gênero de acordo com as circunstâncias e com seus objetivos pessoais. Assim, à luz do dia ela reaparecia como um jovem rapaz que retornava ao convívio familiar, que frequentava a escola e que interagia com as pessoas do mesmo grupo etário. À noite ela ressurgia na pista em sua versão feminina.

---

<sup>1</sup> Como se tratava do convite gentil de Luiz Mott para a celebração do dia de São Sebastião no GGB, considerado por alguns o padroeiro da comunidade gay, naquele dia decidi abrir mão da condição de pesquisador, motivo pela qual não tomei notas que me permitissem recordar o nome do rapaz.

É possível que posteriormente Sashenka tenha sido iniciada na hormonioterapia pelas travestis veteranas ou mesmo por incentivo dos clientes. Nos territórios prostitucionais onde realizei observações era comum a presença de rapazes afeminados que, em conversa informal, manifestavam o desejo de converter o corpo masculino em feminino. Alguns pareciam estar na ali na condição de aprendizes, conhecendo o funcionamento no negócio<sup>2</sup>.

Do masculino ao feminino. Do feminino ao masculino. Movimentos de identificação, desidentificação e reidentificação traçados sobre corpos que buscam sua autorrealização no mundo. Revisitando os exemplos etnográficos anteriormente citados compreendo que a identidade não está necessariamente estancada em uma essência. Ainda assim, naquela época eu precisava terminar a pesquisa e trabalhei a discussão sobre identidade com os autores a que tive acesso naquele momento. O quadro teórico adotado e as entrevistadas falavam sempre em “ser travesti”, “nascer travesti”, “ser travesti 24 horas por dia” que decidi deixar os casos que mencionei de fora das minhas análises uma vez que eles escapavam ao que se apresentava naquele momento como “regra”. Portanto, minhas discussões sobre identidade produzidas naquela época são de caráter circunstancial, ou seja, o registro de uma adequação entre teoria e material empírico no processo de maturação para a pesquisa.

Por ocasião do doutoramento entre 2013 e 2017 pude trabalhar com autores que abriram meus horizontes para pensar a identidade no plural e em processos dinâmicos, o que levou a desarquivar os casos aqui tratados. Importante nessa direção foi o contato com a obra de Édouard Glissant. Com esse autor martinicano comecei a pensar as identidades e os gêneros como experiências móveis e sua importância no contexto das lutas da comunidade LGBTQIA+ por respeito, reconhecimento e direitos.

### 3 | IDENTIDADE NO PLURAL: AS ABORDAGENS DE ÉDOUARD GLISSANT E DE MANUEL CASTELLS

Para Édouard Glissant (2005) as questões relacionadas à intolerância, ao medo do *outro* visto como inimigo, como diferente e como desviante tem origem no pensamento ocidental, exatamente quando a filosofia grega concebeu, disseminou e perpetuou a ideia do **ser** como entidade que já está dada. Em um retorno crítico ao pensamento pré-socrático, Glissant nega o **ser** como entidade pronta e acabada para pensá-lo em termos dinâmicos. Conforme observa Édouard Glissant (2005, p. 33) sobre as identidades e a diversidade humana no mundo contemporâneo, chegamos a um momento de nossa história “[...] em que o ser humano começa a aceitar a ideia de que ele mesmo está em perpétuo processo. Ele não é ser, mas **sendo** [*étanf*], e como todo **sendo**, muda [...]”.

Com efeito, à medida que os povos se aproximam cada vez mais uns dos outros pelo

---

2 Certa vez uma ex-prostituta que agora trabalha como ativista me disse que o negócio do corpo não funciona com a “venda do corpo” como as pessoas costumam dizer. Segunda ela, profissionais do sexo são pessoas que apenas “alugam fantasias”, como as fantasias de dominação, de incesto e de sexo em áreas públicas.

encurtamento das distâncias físicas e virtuais neste século XXI, Édouard Glissant nega o **ser** absoluto como um universal generalizante, o que nos remeteria a uma homogeneidade enganosa. Como alerta o autor martinicano, é preciso que pensemos a identidade na dinâmica do **sendo**, em seu movimento, conseqüentemente, nas trocas mútuas que se processam nas relações entre pessoas desde que estejam abertas ao encontro, à mudança, à novidade, à diferença.

A respeito da dimensão constitutiva da identidade, Salih (2012) destaca que, para Butler, o gênero aparece definido como um **fazer**, como uma sequência de atos que, tal como em Glissant, se contrapõe ao **ser**. É dizer que identidade e gênero são processos contínuos, sempre em movimento. Na experiência humana no mundo esses elementos são incorporados em uma espécie de *devoir de si*, em biografias singulares que se encontram e que se afetam mutuamente, produzindo trajetórias de destino imprevisíveis, mutáveis.

É com base no entendimento de Édouard Glissant que desconstruo minhas leituras anteriores que imobilizei sobre as identidades e os gêneros. Desloco-me agora para o terreno teórico da mobilidade, dos processos abertos, imprevisíveis, livres de certezas que, contrapondo-se às teorizações essencialistas, caminham para abordagens constituintes.

Nas idas a campo, ouvindo as histórias de pessoas gays e trans ao longo dos últimos dezesseis anos compreendo que na trajetória de vida de algumas dessas pessoas as identidades assumem um caráter mutável, às vezes como um jogo político, manipulada para se autopreservarem nos espaços de convívio mais imediato como a casa, a escola, o bairro, o trabalho, a fim de driblar preconceitos e ações extremistas representem ameaça não só à dignidade, mas também à vida.

Entre mulheres e homens trans há que reconhecemos a complexidade envolvida no processo identitário e na compreensão do gênero. Na biografia dessas pessoas nem sempre o gênero é algo muito claro ainda na adolescência, resultando por vezes em longos períodos de solidão e de angústia até que consigam entender *quem e o que* são. As dores envolvidas nesse processo têm sido amenizadas nas primeiras décadas deste século pela maior circulação de informações sobre transgeneridade, sobretudo nos canais de televisão fechados e nos canais do YouTube onde mulheres e homens trans vêm compartilhando suas experiências. Mídias sociais como o Facebook, o Instagram e o Twitter também têm sido recursos importantes na construção de comunidades virtuais. Ainda de forma remota, essas comunidades têm possibilitado a criação de relações sociais, de redes de apoio e de espaços de trocas de informações sobre identidades, gêneros e direitos.

Embora vivamos em um contexto tecnológico, social e cultural profundamente afetado pelas tecnologias da informação e comunicação (CASTELLS, 1999), o volume de informações em circulação não consegue sensibilizar os segmentos mais conservadores quanto à garantia de direitos para pessoas LGBTQIA+. Por fora e por dentro das redes digitais, grupos religiosos fundamentalistas e partidos que se alimentam do poder derivado desses grupos se fecham à compreensão dos gêneros e da sexualidade, agarrados por



conveniência ou por convicção na crença de uma identidade imutável, imposta aos corpos desde a formação embrionária no útero materno.

Lembremos que a simples presença de pessoas ou de personagens de outros gêneros nos programas exibidos nos canais da televisão aberta ainda causa polêmica, desconforto e reação, sobretudo quando essas pessoas e personagens possuem uma vida normal e feliz. Apesar dessa barreira moral questionável, pessoas de diferentes identidades e gêneros constroem espaços de (co)existência na contramão do cerceamento das liberdades individuais. As diferentes identidades e os variados gêneros emergem e (re) existem dia após dia, lutando pelo direito elementar de se identificar como quiserem, de expressar o amor e o desejo que sentem e de adornar os corpos da melhor maneira na expressão de si.

Retomando a discussão teórica sobre identidade, Manuel Castells (2010) também pensa a identidade no plural como Glissant. No livro *O poder da identidade*, o sociólogo espanhol ensina que as identidades correspondem a processos de construção de significado para as pessoas. Como algo que se constrói, Castells concebe as identidades como produto de significados individuais e coletivos, valendo-se, por exemplo, das matérias-primas provenientes da dimensão biológica, histórica, geográfica, produtiva e reprodutiva, dos mecanismos de poder e também dos desejos individuais.

Conforme o modo como pensa as identidades, Castells as classifica em três tipos.

Para ele existe uma *identidade legitimadora*, produzida no nível das instituições para a expansão e para a manutenção das relações de domínio, ao modo como são construídas as identidades nacionais e as identidades de gênero normatizadas no bipolarismo.

A *identidade de resistência* resulta da ação das pessoas que se encontram em condição social desvalorizada e/ou estigmatizada, razão pela qual se voltam contra os mecanismos de dominação pela resistência.

O terceiro tipo de identidade de que nos fala Castells é a *identidade de projeto*, tendo como propósito a construção de uma nova identidade, a fim de transformar as estruturas da sociedade tal como faz o movimento feminista ao questionar o modelo da família patriarcal, os gêneros, a reprodução e a sexualidade.

Com base em Castells é possível dizer que as identidades e os gêneros com as quais nos deparamos hoje surgem, se articulam e se movimentam em um espaço social construído entre a identidade de *resistência* e de *projeto*.

Para Manuel Castells, o tipo mais importante de identidade é a *de resistência*. Ele considera esse tipo em particular como aquela capaz de levar as pessoas a se reagrupar procurando algum interesse comum, algo que possa ser compartilhado na produção de novos significados, não somente para as pessoas tomadas isoladamente, mas também para a comunidade na qual se encontram e se fortalecem mutuamente, buscando apoio para enfrentarem as dificuldades da vida e as diferentes formas de opressão contra as quais têm lutado historicamente. É por essa razão que a comunidade – até em sua forma

virtual – corresponde ao *locus* da produção das identidades de resistência (CASTELLS, 2010).

Embora aposte no peso das identidades de resistência no mundo atualmente conectado pelas redes digitais, Manuel Castells não nega a mobilidade entre os três tipos de identidade, uma vez que nenhuma delas “[...] pode constituir uma essência [...]” (CASTELLS, 2010, p. 24) nem pode ser encerrada *per se*. Assim, recusando a fixidez, o pensamento de Castells se aproxima de Glissant ao vislumbrar o processo contínuo de constituição das identidades.

#### **4 | PARA ALÉM DAS IDENTIDADES E DOS GÊNEROS: O PENSAMENTO DE MICHAEL HARDT E ANTONIO NEGRI**

Autores como Michael Hardt e Antonio Negri (2016) também reconhecem a dinâmica das identidades, porém, acrescentam ao debate acadêmico a crítica quanto àquilo que elas portam de negativo: a associação com a ideia de *propriedade* e de *soberania*. A “[...] identidade é propriedade [...]”, dizem Hardt e Negri (2016, p. 356), pois os atributos de classe, raça, gênero, etnia, nação e religião são reivindicados como *posse* pelos indivíduos que os carregam. Como propriedade, as identidades também servem para demarcar posições hierarquizadas na sociedade, reforçando a soberania de uns sobre os outros, a exemplo do que se tem nas relações do tipo homem/mulher, branco/negro, cidadão/ estrangeiro, heterossexual/homossexual e outros binômios possíveis.

Enquanto do ponto de vista negativo as identidades operam como mecanismo de propriedade e de hierarquização, em outro aspecto elas viabilizam as lutas sociais, expressando a dimensão positiva do conceito. Isso acontece quando as identidades são convertidas em estratégia de ação política contra toda violência que se impõe à diversidade humana, sendo mobilizadas para a mudança da realidade e para a conquista de direitos de pessoas e grupos historicamente sociodesvalorizados.

Vivendo em sociedades de capitalismo consolidado, onde impera o falso discurso da “superação das diferenças” como as elites costumam dizer no Brasil, a reapropriação das identidades se torna uma tarefa política necessária. Logo, para Hardt e Negri as ações desse tipo podem ser trabalhadas de três maneiras:

I - é na luta contra as forças dominantes que as identidades tornam visível toda sorte de violência infligida contra as diferenças. Uma violência que se perpetra tanto para invisibilizá-las, silenciá-las ou negá-las ou ainda para exterminá-las em definitivo. Desse modo, para uma pessoa branca, heterossexual, financeiramente estável e dotada de direitos políticos, civis e sociais é fácil cegar-se à homofobia, ao racismo, às desigualdades de classe, de sexo, de gênero e étnicas de que padecem os grupos mais precarizados em direitos. Conforme observam Hardt e Negri, só quem vivencia e *sente na pele* esse tipo de violência é capaz de colocá-la em evidência. Daí a necessidade de trazer à tona as identidades vinculadas à raça, ao sexo, ao gênero, à etnia, à religião ou a qualquer outra fonte de referência para que pessoas

em situação de subordinação se engajem na luta contra pessoas e grupos que cerceiam suas liberdades individuais e coletivas;

II – o uso político das identidades corresponde a um passo que vai além da primeira tarefa política, uma vez que não basta tornar a violência contra as identidades visível. É preciso “[...] avançar [do momento inicial] da indignação para a rebelião [...] usando a identidade subordinada como uma arma na busca da liberdade [...]” (HARDT; NEGRI, 2016, p. 360). Prender-se às identidades por pura afirmação e orgulho significa resignar-se ao discurso revestido de ressentimento e de vitimização. Ir além significa superar o enclausuramento no dano sofrido, ainda que este seja resultante de um longo e desumano processo histórico. As pessoas precisam caminhar em direção à *libertação*. Libertação essa entendida como uma experiência de “[...] mobilização e controle da produção de subjetividade, fazendo com que ela continue avançando [...]” (HARDT; NEGRI, 2016, p. 362), a fim de que as pessoas se tornem aquilo que possam *vir a ser* em um processo constituidor e livre de padrões pré-determinados, então cedendo lugar à proliferação de singularidades e de multiplicidades;

III – a terceira tarefa dá suporte às outras duas anteriormente mencionadas. Trata-se da tarefa de levar as identidades a “[...] lutar[em] por sua própria abolição [...]” (HARDT; NEGRI, 2016, p. 362). Para os autores, essa tarefa consiste em um projeto revolucionário, positivo, de autodeterminação e de autotransformação. Revolucionário, positivo e de autotransformação porque as identidades silenciadas e/ou invisibilizadas precisam se insurgir contra si mesmas na libertação dos rótulos e da fixidez que as limitam para impedir que sejam produzidas novas subjetividades, mas no contexto de ampliação da potência de singularização. Nessa direção, os autores falam de uma luta capaz de atacar e de destruir as hierarquias, as estruturas e as instituições (família, fábrica, nação) que as (re)produzem e que as condicionam a modelos de identidade pré-determinados, seja em termos de classe, raça, sexo, gênero, nação, religião e outros, então reduzindo toda força criativa e inovadora pela qual as pessoas podem expressar o *eu*.

Para finalizar, gostaria de destacar um aspecto importante da crítica de Michael Hardt e Antonio Negri em relação às identidades. Esses autores observam que nos programas políticos o recurso à identidade não implica necessariamente o fim da violência e das desigualdades sociais. Em seu interior, esses programas reproduzem e reforçam velhas hierarquias, bem como ocultam (ou tentam ocultar) os conflitos existentes na sociedade. É nesse sentido que as lutas operárias não enfrentam os problemas relacionados à hierarquia de sexo, de gênero e de raça. Na mesma direção, as lutas raciais não atacam necessariamente a heteronormatividade e todo tipo de *fobia* derivada dessa imposição social. Em razão disso, Hardt e Negri propõem que só as singularidades em seu poder libertador, na vivência durável do encontro e na interação comunicativa, informativa e afetiva podem se articular em seus paralelismos. Isso significa dizer que pessoas e grupos desprivilegiados precisam construir *solidariedade na diferença*, de maneira que possam produzir linhas interseccionais de ação na construção de um projeto comum.

Michael Hardt e Antonio Negri sabem que construir linhas interseccionais de ação coletiva é uma tarefa desafiadora, mas não impossível. Até lá, ainda nos encontramos no esforço da construção de *pontes* entre as nossas diferenças para aperfeiçoarmos as nossas estratégias de luta em um cenário ultraconservador que tenta se impor sobre as democracias no mundo.

## 5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como procurei refletir até aqui e sem a pretensão de esgotar o tema, a maior diversidade de pessoas no mundo exige que exploremos outras abordagens teóricas ao debate das identidades e do gênero. Nesse sentido, acredito que autores como Édouard Glissant, Manuel Castells, Michael Hardt e Antonio Negri ajudaram a pensar as identidades em sua diversidade e dinâmica, na perspectiva de um caminho emancipatório. Pelas discussões levantadas foi possível evidenciar a ideia de movimento como um substrato do conceito de identidade, posto que os autores citados convergem em favor do **sendo**, isto é, do processo pelo qual as pessoas necessariamente se “enraízam” em um único gênero, à medida que *podem ser outras* na busca da realização de si mesmas e de liberdade, conforme as circunstâncias da vida. Os exemplos etnográficos apresentados na seção dois evidenciam a dimensão móvel das identidades em relação ao gênero.

Como processo dinâmico, as identidades de gênero no universo das pessoas LGBTQIA+ mesclam experiências individuais e coletivas e que resistem às forças limitantes da heteronormatividade. Embora essas forças se imponham, na vida cotidiana os corpos, os gestos, os modos de falar e de vestir confirmam a diversidade, mesmo quando ela não quer ser vista ou ouvida pela sociedade maior. Ademais, pessoas de diferentes gêneros estão cada vez mais presentes no cinema, nas telenovelas, na moda, na música, nos livros, nas séries, nos programas de TV, nas redes sociais, no YouTube e principalmente nas ruas.

Por fim, a luta pelo direito à livre identidade de gênero precisa caminhar em direção à proteção legal efetiva para viabilizar o acesso digno ao trabalho, à educação, à saúde, ao amor e à vida, independente do que fazem com seus corpos e da decisão que cada pessoa tem de redesigná-lo ou não. As pistas desse caminho estão dadas nas ideias de Glissant, de Castells e de Hardt e Negri: a relação; a resistência; a luta; o fim emancipador das identidades. A relação, a resistência e a luta estão acontecendo aqui e agora. O fim das identidades talvez ainda esteja reservado ao futuro.

## REFERÊNCIAS

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999. (A era da informação: economia, sociedade e cultura; 1).

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 2010. (A era da informação: economia, sociedade e cultura; 2).

FERREIRA, Rubens da Silva. **As “bonecas” da pista no horizonte da cidadania: uma jornada no cotidiano travesti em Belém (PA)**. 2003, 151 f. Dissertação (Mestrado em Planejamento do Desenvolvimento) – Universidade Federal do Pará, Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, Belém, 2003.

GLISSANT, Édouard. **Introdução a uma poética da diversidade**. Juiz de Fora: UFJF, 2005.

HARDT, Michael; NEGRI, Antonio. **Bem-estar comum**. Rio de Janeiro: Record, 2016.

SALIH, Sara. **Judith Butler e a teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Ação educacional 70, 71, 77

Acessibilidade 46, 47, 50, 52, 56, 62, 63, 64, 72, 73, 74

Agentes educativos 71

Ambiente educacional inclusivo 62

Atitudes sociais 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113

### C

Competências docentes 40

Comunidade 15, 16, 18, 28, 35, 36, 40, 42, 43, 52, 62, 67, 72, 77, 110, 111

Constituição Federal 26, 31, 32, 51, 61

COVID-19 46, 47, 50, 52, 57

### D

Direitos humanos 23, 28, 34, 62, 82, 83, 87, 88, 96, 97, 98, 100, 101

Discriminação de gênero 26, 27, 28

Diversidade 1, 13, 16, 19, 21, 22, 35, 37, 40, 42, 43, 71, 72, 73, 74, 78, 83, 96, 97, 98, 105, 111

### E

Educação especial 56, 60, 65, 79, 80, 83, 84, 89, 90, 97, 107, 111, 112, 113

Educação inclusiva 41, 56, 59, 60, 62, 63, 64, 68, 69, 70, 71, 72, 79, 80, 81, 83, 84, 85, 87, 88, 89, 90, 94, 96, 97, 99, 104, 105, 111, 112

Educação matemática 66, 82, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 91, 93, 96, 97, 98, 99, 100, 101

Ensino básico 39, 103, 110, 111, 113

Ensino público 103, 106

Escola inclusiva 68, 70, 71, 72, 73, 74, 77, 79, 80

Estudo de caso 58, 102, 105, 106, 110

Exclusão social 37, 83

Exercício dos direitos 51

### F

Feminismo 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 9, 10, 11

### G

Gênero 2, 5, 9, 10, 11, 12, 13, 15, 17, 18, 19, 20, 21, 23, 25, 26, 27, 28, 35, 37, 42, 88

Grupos juvenis 8

## H

Homofobia 19, 23, 24, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34

## I

Identidade 4, 6, 10, 12, 13, 14, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 23, 25, 35, 51, 74, 77, 78, 100

Identidades de gênero 12, 13, 15, 18, 21, 25

Igualdade 5, 6, 26, 28, 51, 62, 96, 104, 105

Inclusão educacional 37, 38, 40, 41, 51, 91

Inclusão escolar 60, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 95, 96, 98, 111

Inclusão social 1, 35, 36, 37, 38, 40, 41, 42, 43, 52, 63, 84, 100

Inteligência emocional 35, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43

Interação social 68, 95, 103

## J

Judiciário 23, 24, 26, 27, 28, 30, 31, 32

Juventudes periféricas 8

## L

LGBTQIA+ 12, 16, 17, 21

Lutas de classes 3

## M

Movimentos feministas 2, 3

## N

Necessidades educacionais especiais 58, 60, 70, 72, 75, 76, 79, 80, 87

Necessidades educativas específicas 83, 103

## P

Poder Jurídico 28

Processo de ensino e aprendizagem 48, 52, 61, 66, 67, 68, 78, 86, 94, 95

Professor 40, 41, 43, 46, 47, 48, 50, 52, 55, 56, 57, 61, 64, 65, 66, 67, 68, 70, 72, 78, 79, 82, 89, 93, 95, 96, 99, 101, 103, 104, 105, 110

## S

Sars-Cov2 47

Sexualidade 17, 18, 25, 29, 88

## T

Trabalhadores 4, 5



🌐 [www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
✉ [contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)  
📷 @atenaeditora  
f [www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br)

# DIVERSIDADE E INCLUSÃO:

Abordagens e experiências

Atena  
Editora  
Ano 2022

 [www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
 [contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)  
 @atenaeditora  
 [www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br)

# DIVERSIDADE E INCLUSÃO:

Abordagens e experiências

  
Atena  
Editora  
Ano 2022